



CHEGA

# SINDICATOS A NOVA JOGADA DE ANDRÉ VENTURA

*O Solidariedade, sindicato promovido pelo Chega, já nasceu “torto”. A ideia surgiu pela mão de uma militante anónima, apupada sem misericórdia pelos colegas do próprio partido. Diogo Pacheco Amorim detestou a ideia. E até Ventura, que queria reunir os polícias na nova estrutura, se “esqueceu” de que a lei não o permite*

— POR JOÃO AMARAL SANTOS



# C

Cem anos depois do nacional-sindicalismo de Francisco Rolão Preto, o Chega de André Ventura recupera a experiência de (tentar) romper o monopólio da esquerda no campo do movimento sindicalista português, com a promoção de uma nova federação sindical. O Solidariedade – assim se designará a nova estrutura –, apresentado por Ventura há pouco mais de uma semana, recicla o discurso contra a lógica de “luta de classes”, “imposta” aos trabalhadores pelo “socialismo” e pelo “marxismo”. Tal como Rolão Preto, na década de 1920, esta nova estrutura também colhe inspiração além-fronteiras, como admite o próprio André Ventura, que desde a primeira hora indica que este Solidariedade segue o modelo “bem-sucedido” do partido espanhol Vox de Santiago Abascal – da mesma família política da direita radical populista –, que, em 2020, lançou o... Solidaridad (e que, no país vizinho, já conta com 13 mil filiados e representantes em 273 empresas).

Acenando com o estatuto de terceira força política nacional, André Ventura insiste em afirmar que “as ruas são de direita desde o aparecimento do Chega”, como ainda repetiu, na semana passada, em entrevista à RTP, prometendo, num futuro próximo, guiar à cabeça multidões em manifestações pelo País – a primeira já em janeiro ou fevereiro de 2023.

O plano está, assim, desenhado e em andamento: atrair ou criar sindicatos de raiz nas “áreas-chave” defini-

▼ **Movimento Zero** Em novembro de 2019, André Ventura foi recebido como um “herói” numa mega manifestação das forças de segurança

▼ **Sindicato** Ventura anunciou a nova federação como uma estrutura para trabalhadores que não se sentem representados pelo “socialismo” nem pelo “comunismo”

das pelo líder do Chega, que incluem polícias, professores, quadros da administração pública, profissionais de saúde e profissionais de segurança. Grosso modo, segundo Ventura, trata-se de setores que “representam trabalhadores que não se reveem nas centrais sindicais de esquerda [a CGTP e a UGT]”, que classifica como “afetas ao PCP, Bloco de Esquerda e PS”.

Fonte do partido explica, à VISÃO, que o principal objetivo “é cerrar fileiras numa frente unida”, que permita “promover contestação social que seja visível nas ruas” e que tenha “consequências políticas”. “De preferência, já em 2023, aproveitando toda esta crise que atravessamos”, acrescenta. A VISÃO mergulhou nas origens deste projeto de André Ventura e identificou problemas que, aparentemente, são insanáveis face à realidade... e à lei.

Sobre todas as dúvidas André Ventura foi questionado, mas, até ao fecho desta edição, nenhuma resposta chegou à redação.

#### **A IDEIA, AFINAL, FOI DE LUCINDA (A APUPADA)**

Mas recuemos ao ano passado. Entre 28 e 30 de maio de 2021, o Chega realizou o seu III Congresso Nacional, em Coimbra, e, na altura, nenhuma pista sobre a federação sindical tinha ainda surgido nas cogitações da direção e de restantes membros do partido. Lucinda Jorge Estrela, uma discreta militante de Faro, marcou presença naquela reunião subindo ao palanque para apresentar uma moção original, intitulada “Sindicalismo”. Começou o seu discurso a alertar para o facto de, depois do 25 de Abril de 1974, a “unidade sindical” ter sido proposta pelos “marxistas-leninistas (...) [que] usurparam e absorveram os direitos legítimos dos trabalhadores em prol da teórica luta de classes, com o objetivo final do real controlo



LUCILIA MONTEIRO

das empresas públicas”.

Perante um misto de perplexidade e impaciência (crescente) dos presentes, Lucinda Jorge Estrela ainda teve tempo para lançar a proposta de criação de uma “estratégia para alcançar uma nova central sindical de influência Chega”, com vista a “alcançar o estatuto de parceiro social”, como a CGTP e a UGT, mas, assim que a surpresa e o choque inicial se desvaneceram, a plateia de militantes recebeu a sugestão com um sonoro coro de assobios e pateadas que, sem misericórdia, não permitiu sequer que a militante número 17 311 do partido pudesse concluir a sua intervenção. “Sindicatos? No Chega? Não! Nunca!”, dizia-se, na época, de forma aparentemente unânime, pelos corredores.

André Ventura manteve-se em silêncio, nem sim nem não. Porém, seguindo

de perto os passos do projeto do Vox de Santiago Abascal, o presidente do Chega terá identificado, naquele momento, a oportunidade de se apropriar da ideia e de começar a planear replicar em Portugal o Solidaridad espanhol – e, neste caso, nem o nome parece ter sido escolhido por acaso (*ver caixa*).

Coincidência ou não, André Ventura ainda teve de passar por Madrid, onde participou na festa anual do Vox e discursou contra “socialistas” e “comunistas” no palco do VIVA 2022, que se realizou nos dias 8 e 9 de outubro, antes de avançar, cerca de uma semana depois, a 17 deste mês, para o anúncio público da nova federação sindical.

Elementos próximos de Ventura torceram inicialmente o nariz a este projeto, como foi o caso do deputado Diogo Pacheco Amorim, que, sabe a VISÃO, detestou

**André Ventura foi a Espanha discursar na festa anual do Vox. Na semana seguinte, regressou ao País com o nome da estrutura sindical que tinha em mente desde a convenção do ano passado: Solidariedade**



a ideia, que considerava “impensável”. Como habitualmente, porém, não se revelou difícil a Ventura reunir consenso interno alargado em torno dos méritos desta proposta, posição que ainda seria reforçada com as notícias do verão passado dando conta de que a nova direção da Federação dos Trabalhadores Democratas Cristãos (FTDC), presidida por José Pessanha, “adormecida” nos últimos anos, pretendia voltar a assumir aquela estrutura, próxima do CDS, como uma tendência dentro da UGT.

### LEI DA POLÍCIA ESQUECIDA?

Entre os setores destacados, o presidente do Chega colocou no topo das prioridades ter ao seu lado, neste projeto, os polícias portugueses, confiando que a narrativa de lei e ordem adotada pelo partido, desde a sua fundação, tenha

já colhido frutos. Na memória de Ventura estará, certamente, a receção (de herói) que recebeu na manifestação de polícias em novembro de 2019, quando, ainda na qualidade de deputado único do Chega, foi carregado em ombros por elementos do Movimento Zero, um grupo inorgânico constituído por polícias e guardas prisionais, conotado com a extrema-direita, que lhe assegurou o direito de ter sido o único político a discursar naquela ocasião, perante mais de dez mil manifestantes.

O líder do Chega parece, todavia, ter ignorado uma questão fundamental e... regulamentar. Segundo a lei sindical da PSP, “está vedada às associações sindicais [de polícias] a federação ou confederação com outras associações sindicais que não sejam exclusivamente compostas por polícias no ativo em efetividade de serviço na PSP”. Ou seja, nenhum sindicato de polícias, existente ou criado de raiz, poderá fazer parte da federação sindical que André Ventura anunciou e quer que chegue às ruas no espaço de dois a três meses.

Confrontado com as notícias recentes, Paulo Jorge Santos, presidente da Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP/PSP) – a mais representativa daquela força policial –, acredita que os profissionais da PSP “vão saber escolher se pretendem ser representados por um sindicato isento, equidistante de movimentos políticos e partidários, ou se vão querer ser instrumentalizados” pelo Chega.

“Se há quem pense que é de braço dado com partidos políticos que se vai defender os interesses dos elementos da PSP, está muito enganado. Os sindicatos da polícia não podem nem devem ter qualquer rótulo ou aproximação desse género, mas devem funcionar com total independência. O nosso mote

é, apenas, defender os interesses dos elementos da PSP e nem concebemos que os sindicatos fiquem reféns de partidos ou de políticos”, diz Paulo Jorge Santos.

Sobre o projeto do Chega, o presidente da ASPP/PSP pede “consciencialização” aos seus colegas, recordando “a experiência negativa recente do Movimento Zero”, que, afirma, “apesar de todo o discurso populista, foi um grupo que nunca conseguiu chegar ao que tanto desejou e procurou”. Ainda assim, Paulo Jorge Santos admite que a extinção do Movimento Zero – anunciada pelo próprio grupo no passado mês de agosto – esteja relacionada com o surgimento desta nova federação sindical, que pode vir a contar com grupos inorgânicos, nos quais participem elementos da polícia. “Não sei se a extinção do Movimento Zero está ou não relacionada com a criação desta federação sindical, admito que sim, mas de uma coisa tenho a certeza: não será desta forma que os polícias portugueses vão ver os seus problemas resolvidos. Estar refém de um partido ou de um político não é solução. Os projetos de índole sindical protegem e defendem os interesses coletivos dos trabalhadores e não interesses individuais”, conclui.

### “É SÓ BAZÓFIA”, DIZ EX-VICE DO PARTIDO

Quando a questão é Chega e polícias, José Dias tem conhecimento de causa. O fundador do Chega (militante número 14) e ex-vice-presidente do partido mantém o cargo de presidente do Sindicato do Pessoal Técnico da PSP (SPT/PSP) e não poupa críticas ao que chama de “mais uma aventura” de André Ventura.

Antigo candidato à Câmara Municipal da Amadora, nas eleições autárquicas de 2021, José Dias garante que esta federação sindical “é apenas bazófia para criar manchetes

## A força de um nome

*O Vox escolheu “Solidaridad”, o Chega “Solidariedade”. Direita radical instrumentaliza a marca criada por Lech Walesa*

Entre o verão e o outono de 1980, duas dezenas de sindicatos polacos organizaram-se e uniram-se sob a bandeira do Solidariedade, um movimento social e político que, apoiado pela Igreja Católica – com o forte incentivo do também polaco Papa João Paulo II –, materializou a oposição nacional à influência soviética de Moscovo, que culminou com a realização das primeiras eleições (semi)livres, em junho de 1989, quase cinco décadas depois das últimas (e apenas dois meses antes da queda do comunismo no país). Lech Wałęsa (na foto), o líder do movimento, Nobel da Paz em 1983, seria eleito Presidente. Na luta contra a influência “comunista” nos movimentos sindicais, Chega e Vox apropriam-se da designação, não hesitando em instrumentalizar a marca “Solidariedade”.



## Internacional nacionalista

*A relação entre os representantes da direita radical populista a nível global parece cada vez mais estreita. Festa do Vox comprovou teoria. Ação conjunta dos sindicatos ibéricos em equação*

A direita radical populista parece mais unida do que nunca – e se já o parecia na forma, a opção de André Ventura em replicar o projeto de 2020 do Vox, o sindicato Solidaridad, com o lançamento de uma nova federação sindical de direita em Portugal, parece confirmá-lo ainda mais. Tanto, que na apresentação do Solidariedade português, o presidente do Chega admitiu, inclusive, “criar uma relação próxima” entre estes sindicatos ibéricos, não fechando a porta à organização de uma “ação conjunta” de luta.

A apresentação da nova estrutura promovida pelo Chega aconteceu, aliás, apenas uma semana depois de André Ventura ter viajado até Madrid, para subir ao palco na festa anual do Vox, o VIVA 2022, onde adotou um discurso extremado que, entre outras coisas, incluiu críticas a “socialistas” e “comunistas” e referências à “pedofilia”. Na bagagem para Portugal trouxe consigo o nome que procurava para o “seu” sindicato.

Ventura, porém, não foi o único representante da nova direita. Pelo local, entre outros, passaram o primeiro-ministro polaco, Mateusz Morawiecki, e o chefe de Estado húngaro, Viktor Orbán. Donald Trump também interveio, mas através de um vídeo gravado e transmitido para todos os presentes.

nas revistas e nos jornais”. “Faz tudo parte do truque do próprio Chega e de André Ventura”, acrescenta.

Em rota de colisão com o partido, suspenso por seis meses pelo Conselho de Jurisdição (até janeiro de 2023) e agora em risco de expulsão, na sequência das críticas, nas redes sociais, dirigidas a André Ventura – por discordar de como se realizou a *rentrée* política do partido, que decorreu no Casino de Vilamoura, no Algarve –, José Dias não tem dúvidas de que “esta federação sindical será um falhanço total”. “É um projeto que vai acabar ainda antes de começar, porque nenhum sindicato vai aderir. É algo que não está a ser levado a sério pelos polícias e, pelo que sei, também não por outros profissionais de setores mencionados pelo presidente do Chega.”

### APOSTA NOS MOVIMENTOS INORGÂNICOS

Realisticamente, mesmo não o admitindo abertamente, André Ventura espera que o Solidariedade tenha, sobretudo, capacidade de atrair pequenos sindicatos e movimentos inorgânicos. O importante, na prática, será o número de envolvidos disponíveis para participarem em manifestações que despertem a atenção mediática do País.

A VISÃO contactou vários pequenos sindicatos e movimentos, enquadrados neste universo, e embora todos prefiram “esperar para ver”, é possível, desde já, medir o pulso às vontades escutando o que dizem (alguns) pequenos sindicatos da polícia. Mesmo impedidos de integrar a nova estrutura, alguns destes veem com bons olhos a hipótese de “participarem em certas iniciativas”. “Se houvesse alteração da lei sindical da PSP, poderíamos até ponderar integrar esta nova federação”, diz, à VISÃO, Pedro Carmo, presidente da Organização Sindical dos Polícias (OSP/

▼ **Inorgânicos** O Chega quer atrair movimentos inorgânicos e pequenos sindicatos. Objetivo é avançar com protestos nas ruas a partir do próximo ano



LUCILIA MONTEIRO

**“Não chega criar uma estrutura sindical, depois é preciso ter associados (...) Uma federação sindical não se faz de uma vontade, mas da soma de muitas vontades”, diz Mário Mourão, secretário-geral da UGT**



PSP), que confirma ser “simpatizante das ideias do Chega e de André Ventura”. “Não me parece fácil fazer parte [da federação sindical], mas nada nos impede de estarmos nas ruas, juntos, como cidadãos e polícias, numa ação que seja organizada pelo Solidariedade”, afirma, dando como exemplo a manifestação de polícias de há três anos. Será isto suficiente para o Solidariedade vingar?

Elísio Estanque, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC), duvida. À VISÃO, o sociólogo, que, ao longo da carreira, tem acompanhado de perto o movimento sindical nacional, diz “não acreditar que, neste cenário de dificuldades que o País atravessa, seja uma estrutura sindical do espectro político da direita radical populista que consiga garantir o bem-estar dos trabalhadores”. O também professor da Faculdade de Economia da Universidade de



Coimbra considera que este projeto “é apenas um recurso para instrumentalizar os trabalhadores e tirar dividendos políticos através de alguma instabilidade social e política provocada nas ruas”.

“A extrema-direita tem, precisamente, aproveitado o desgaste das instituições democráticas para crescer e os sindicatos não são, obviamente, exceção. Nos últimos anos, perderam influência, foram desintegrados e multiplicaram-se em pequenos sindicatos que, naturalmente, têm depois menos representatividade e, por vezes, até pouca legitimidade”, alerta. No caos, aproveitam o Chega e André Ventura. “Acredito que esta nova federação sindical possa agregar pequenos sindicatos e movimentos inorgânicos, apenas isso, mas, muito sinceramente, duvido que tenha grande sucesso”, diz Elísio Estanque.

## **CGTP E UGT DESVALORIZAM NOVA FEDERAÇÃO**

A aposta de André Ventura surge como uma “declaração de guerra” às centrais sindicais da CGTP e da UGT, numa tentativa de fragilizar estas estruturas, muitas vezes conotadas com a esquerda – embora a UGT inclua sensibilidades de centro-direita, com a presença dos Trabalhadores Social-Democratas e da FTDC –, numa tentativa de convencer os trabalhadores de que a direita radical populista, com a sua linguagem e os seus gestos, pode conter as soluções. O que pensam disto as centrais sindicais?

Contactada pela VISÃO, Isabel Camarinha, secretária-geral da CGTP, recorda que a intersindical nacional “tem 52 anos de vida, sempre na defesa dos direitos e interesses dos trabalhado-

res” e que “prosseguirá a sua ação em defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores portugueses”. Em relação à federação sindical promovida pelo Chega, Isabel Camarinha prefere “não comentar”.

Já Mário Mourão, secretário-geral da UGT, diz à VISÃO que “não desvaloriza” a iniciativa de André Ventura, mas acrescenta “não acreditar que seja possível que algum sindicato ou federação de sindicatos existentes possa reconhecer esta nova estrutura como uma solução”. “A UGT vai manter a sua estratégia e continuar a fazer o seu percurso”, sublinha. “Não chega criar uma estrutura sindical, depois é preciso ter associados, ter representatividade. Um sindicato não é só barulho e protestos, mas também diálogo. E uma federação sindical não se faz de uma vontade, mas da soma de muitas vontades”, conclui. ■■ [jsantos@visao.pt](mailto:jsantos@visao.pt)